

autor: BRILHO PEREIRA

Personagem: Anália

Cenário: Sala de uma casa

QUANDO O SILÊNCIO

(Anália varre a sala, enquanto canta) "Não
 lá não tinha a menor vaidade. Anália que era mulher de verdade"
 Anália... Anália... tinha graça. Antes fosse mas seria motivo de
 fofoca também.iriam dizer tudo de mim, mesmo que eu seria uma
 mulher de verdade, de vergonha. Quem pode com a língua do povo?
 Bando de gostinha, gente máida. Gente de bairro pobre. Se eu ti-
 vesse condição moraria nas condôminos, mas não sou pobre. Será
 que a pobre da Iefa já acordou? acho que não. Se tivesse acorda-
 do já teria vindo aqui pedir um pregozinho de café. (olha pela
 janela) Não, ainda não acordou, deve ter ido dormir tarde. O ma-
 rido chega tarde, bebendo feito uma cachorra. Tem vez que vai no
 jardim e adormece lá mesmo. Nunca irresponsável, recebe o paga-
 mento, vai fazer feira, não leva a feira, e que leva é só bafe
 de cachoça. Se no lugar de Iefa já teria deixado esse batorrão.
 (olha pela janela). Bom dia, Iefa, acordasse tarde hoje. Aquilo
 que deveria não beber ontem. (T) Interui bem ontem. Mulher, eu sou
 te conto. Deixo leve um casamento na casa de Papo. Eu fui olhar.
 Vi movimentos de gafe e bigodões na rua e quando eles fecharam
 a porta, eu fui olhar pela brecha da fechadura. Não quem eu vi
 vestido de noiva? Papo. Ele estava casando com outro. Parecia
 coisa de verdade e pra minha surpresa os gafe que chegaram de ag-
 opla estavam cada um vestido de mulher e maquiados. E os bichos
 se tratavam por mulheres, querida... Eu só curia - Querida, eu
 só está linda. - Mulher, seu vestido está um lixo. - Você viu o
 vestido de Papo? Foi um presente da moça "madrinha gay" a Bibi.
 - Você reparou que a Bibi veio e não trouxe a bafe dela. Deve
 ser coisa. Ela pensa que alguma de nós, linda com nome, vai "

vai tomar o leite dela. Ela é muito complacente, feita de doer, mas é tão bondosa.... Aí eu vim telefonar pra polícia. Contei tudo. Esperei, esperei e nada. A polícia não aparece, não acredita em mim. Não é um caso? Mas por sorte, eu vim a Margarida chegar com o marido. Imagina o que vi? Não vou contar, depois a morte dessa você verá. Bufetinho, não? Toda manhã em casa e vem a área como motel. Outro dia, pagamos o ônibus, ela pediu parada e o motorista estava muito interessado falando sobre cristão e não curio. Margarida grita - "Vêre essa merda, motorista." E ela disse: - "Já que você deu descarga, vou parar pra merda descer." Aí eu disse: - "Vi Margarida que responde inteligente, pra gente de boca suja." Ela me deu uma rubigão e saiu. Deixa, estou foi divertido demais, eu fiquei só olhando pela brecha da porta, cheitei com o olho doído. Corri como doído. Telefonava pra polícia, ia pra janela pra ver se o carro da polícia tinha chegado. Depois eu corria pra porta ver esse explícito na casa da frente. Corria pra janela pra olhar pra casa de pé. Eu tava doído pra ver a polícia chegar e levar aquela bandida de vando entrando no cantinho - "Não, não, por favor!" - "Vai, vando, entrar aí seu porral!" Eu tava doído pra ver uma palhaçada dessas. Não tive sorte. Quando será a próxima festa? Só se for um batizado do filho (T). Não, mulher. Claro que Pepe não pode ter filho, mas tu sabes como é coisa de gay. Pegue uma boneca daquelas que parecem um bebê e inventa um batizado no aniversário e convidas as amigas e vêe todas, muito lindas, com presentes... Você vai ver, da qui a nove meses inventa lá coisa é como a outra aí da frente. Vou fazer uma cartinha enfiando aliando a futura vovó(T). Mulher tu não estás sentindo coisa de "feijão queimado? É aqui em casa. Espere aí, já volto (vai e vê) tu me seguida) Deixa... já saiu. Deve ter ido comprar uma aloura de óleo, saltada, uma mulher tão boa, tão doceira e um marido de, qual, um gambá. Onde foi que colocou a carta de seu paião? (procurar) Aguenta que ele vai ter um acidente quando a mulher dele receber ainda cartinha enfiando. (mas em um envelope) Ah, tá aqui. (vai pra janela) Deixa já estás agitando as plantas? Agitar plantas é um baco hoje em dia, a planta d'água é um absurdo. Deixa, sabe quem será a próxima vítima? Seu paião. Outro dia foi

fazer umas compras na mercearia dela e quando chega lá, Pepe pega
na toda arrebatadinho e seu Salas diz: - "Lá vai aí". E eu disse:
- "Mãe é 42, os Salas, 42 é pra capatão. Cuidado que o senhor tem
uma filha que tem todos os traços de capatão." E o velho me disse:
- "A senhora responde uma inocente. A senhora é mãe, não po-
de falar de ninguém." E eu disse: - "Eu estou apenas lhe abrin-
do os olhos e vou dizer mais se o senhor tivesse chamado Pepe de
lá tudo bem. Fiquei sabendo que o "quem disse fala disse" e a
noiva fora é e o senhor já é frágil. Já lhe vi mesmo três ve-
zes na casa de Pepe pela madrugada, portanto o senhor também é
mãe, não pode falar de ninguém." Melhor, a coroa ficou pilado,
pensei que ia ter um trope e para completar o serviço, vai a
cartinha pra D. Benedita a esposa dele, ela vai ter um choque.
Imagina quando a mãe de Margaretta chegar do hospital e receber
uma cartinha contando que a filha mudou de vida na residência dela
e mora e jardim como motel, enquanto o pai não chegava da casa
de manhã. - velho vai ter uma recaída e vai voltar pra o hospi-
tal. Comigo é assim. Não falaram ao enterrar viva nossa his-
tória quando descobriram minha aventura em casa. Se eu fosse mé-
le teria me apedrejado, me cuspiu, me jogado no ar, morreu, mas
como reagiu, ainda tem vida. É o mundo todo pra falar de mim e
eu souinha pra falar do mundo. Quem pode com a mulher? Ninguém
sabe que eu me aceto na tua vida? Não fale de você. Você sabe, é
gente fina. Não gosta de difamação. Você é minha amiga. Não vê Ira-
ny, aquela moça. Tira toda de protestante, muda com aquela té-
tica detulho do marido com aquela mequetreite padre. Vou na minha
casa me converter- dizer tem a aquela outra- que eu deveria pe-
dir perdão a Deus pela sua arte, mas tu sabes que já sou errada
mesmo, que agora não valho nada na vida desse povo, eu disse:
- "Não precisa se converter não, Irapy, tem muitas outras dia te-
ve aqui com esta intenção e como eu estava de cama, eu pedi que
ele se convertesse ali mesmo. Foi fácil, eu sou tão conversável".
É claro que eu fiz um perigo. A velha ficou entalada, corri-
to, fiz um cope de garupa, não queria que ela morresse na minha ca-
sa, não queria nenhuma complicação. Ela bebeu e ainda teve o
desacordado e o girovante de dizer que sou como aquela conha-
queira com canela, que eu não passava de canela, lá e sempre se

ferrou - Sou canaleta, briga com canaleta, sempre, todo mundo, -
eu não presto. Tenho uma formidável entre as pernas que convence
qualquer homem. Eu sou descontrolada. É a tripla mão - Você já é a
estada. E eu me aproveito da situação. Canaleta é você e toda a
sua família, sua casa. Você é uma rapariga que se dá conver-
tindo. Sua filha pagou um bicho, que com certeza não foi na igre-
ja, eu sei. Seu filho é maldadeiro, que com certeza não fuma in-
cense lá na igreja. Lá na igreja de você não vai mais não eu sei.
O outro filho mais novo é ladrão, que com certeza não rouba na
igreja ou rouba? Seu marido lá vai como você pensando que ele
está convertendo as mulheres. E agora mais daqui, sua casa, entre
que eu lhe jogue mal. Sai barata de igreja, antes que eu lhe jo-
gue incontinência." Com certeza houve uma briga na casa, mas con-
tinuam quietos, os dois com a Bíblia debaixo do covado. A Bíblia
já deve foder a cabeça. Sem precisou eu mandar uma cartinha, pag
quei a mão logo na frente da casa. Por enquanto, vou mandar a de
seu pai. Mulher, a panela tá queimando, tem lixíva, já volte.
(vai e volta em seguida) Será que Ricardinho ainda tá dormindo?
Ah, tá bom. Hoje é domingo, ele pode dormir até tarde. Ainda tem
que se livrar da matéria dos Troços de casa. Hoje ainda casa
tem só o necessário, mesa, cadeiras, geladeira, fogão, casa e tv
leviano. (vai para a panela). Deixa, ainda continua agendo? Se
não passo na conta d'água. Mulher, acabou de virar maldade?
Eu não falei na casa pra não se sajar. Aquela maldade. Provocou
a morte do seu marido. Foi Flávio fugir de casa. Quase que
destruiu a minha vida. Hoje tá pagando. Iracy quando estava aqui
disse que o "malário do pecado é a morte" e com licença da pala-
vra, eu sou professora e sei que Pe. Vieira disse que "a dor é
o eco do pecado? Então a vizinha maldade, que eu não quero fa-
lar e não, tá pagando. Eu vou fazer uma visitinha de cortesia
a ela. Chegando lá eu vou rezar na porta. Ela era resadeira. Re-
corrente em Ricardinho quando morreu: "Quando Jesus entrou pe-
lo mundo criou o pecado, quebrando, vando calado. Dava todas as
conferências. Então não só o fogão queimando. Então agora eu
fago pra fazer um cafézinho pra Andréa. - Jesus criou espalhando
calado. Foi resuscitar os mortos. - Então logo com geladeira,
ela tá pagando a casa. - E Jesus criou dezoito de paz..."

E ela resava aquela rosa comprida, mas agora quem vai resar pela
mãe eu com um galho de urtiga: "Eu te tenho pra tua cura, mas
tu mancharas dura." É a vez fazer essa caridosíssima a ela. Ela
gosta tanto de resar. É pra diminuir a dor da urtiga, eu vou jo-
gar água de sal, dizendo que é gas bento. É como nos muito re-
ligiosos, depois eu vou mandar uma coroa de freira, dizendo que
é um bala e quero que ela coma com espinha e tudo. (R) Mãe, mu-
lher, não vou fazer isso, mas vontade não falta. Quem que ela
está com problema respiratório deve estar com uma tosse brabo,
tuberculosa. Sobre qual saropé eu daria a ela? Griselina pra de-
sinfetar a poeira daquela mulher. Fora imunda! Linguareta!
aquela praga quase destruiu minha vida. Antes eu era dona de casa,
mulher de meu trabalho, com licença de palavra, professora.
Eu digo assim pra você não se sentir tão humilhado. Você sabe que
professor hoje não ganha dinheiro. Foi oitadeiro de lábios garça
muito mais do que nós. Se não fosse a perda de uma falsete...
Eu falava de quê? Eu malidital pois foi, a peste foi do que foi
contigo. Hoje todo mundo fala de mim, com exceção de você e pra
me vingar eu aponto também. Você viu o que fiz com a mãe de
Margarete, a velha inventou diaboira do marido contigo. Vivia jo-
gando coisas estranhas aqui, eu pagava, jogava fora, desconfiei
que era narcoita, fui à casa do Pai Cláudio e ele confirmou. Eu
comecei a fazer uma cruz de álcool, tomar fogo. Disse um negócio e
a primeira viria queimada a minha porta e acabou de ser ela pedig
de alguma coisa pra quemandura e eu para ajudar disse que tinha
água de caço, que é excelente, só que eu vou disso, passei claro
para e a coitada tá lá no tratamento. Mas antes dela sair do hos-
pital, eu vou fazer uma visitinha e vou fazer mais presente da op-
ta piedadinho. Eu não sou ótima? Imagine quando ela morrer e que
Margarete ainda apontando. Hoje eu sei de tudo que se passa aqui.
Antes elas não tinham respeito, agora é desrespeito, mas Pai Cláudio
disse que era coisa das mulheres, tudo que os maridos delas se
envolviam contigo, que eu ainda era uma mulher jovem, bonita,
etc. Então homem dessa praia. Desculpe, não quis ofender teu
marido, ele apenas bebeu, mas o resto é tudo um bando de urtiga
que não tem no tú e que a barata tem. -Não vê a mãe de joia,

é ladrão de anel no dedo, atropado. Se fossem fazer denúncias a
qual seria caçada. Ela só arruma o que não presta, mas acha o
máximo. Foi esposa de um dono de uma casa funerária, quando descobri-
riu que o cara não era dono de coisa nenhuma e não um caveiro,
então o matou. Como estava grávida do cavaleiro, provocou um abor-
to. Desde então vai provocar outro aborto quando ele receber
uma cartinha molhada minha.

- Não vê início da pedaria, a mulher com aquela banda escura, uma
pedaria ambulante, bota um chifre nele, coitado.

- João da esquina é manobrado com um garç e a mulher sabe disso
e não vê nada. Tem medo de perder o passadinho.

- Ivanete da farmácia foi madrinha do filho da empregada com o
marido. Pude?

- Chico do apague, a mulher deixava e quando soube que ele era
manobrado com a amante dela, quer dizer, antes eram amigos, bebê
em casa, ela o trair com esse amigo e um dia ela flagrou os
dois na cama. Esse amante era um carniceiro. Soube o marido e
a mulher. Uma vergonha.

- Não vê irmã, mulher do Chico Chapéu, uma mulher fedorenta.
Ela mulher, vê lá que seja pobre, pobre não. A mulher fede como
um ticoço, mas tudo que é homem corre atrás do chafariz dela. Pa-
rece que a castiga sufoque homem e homem é coisa fácil de ser
sufoqueado.

- É esse Milton, tem casado, deixa a mulher, uma mulher bonita
por uma gata, feia, seca, repulante, uma mula de anatomia amba-
lante. Aquela mulher só pode estar sufoqueado mesmo. Agora só quem
não presta não vê.

- Não vê Estela, uma begerona, bebe e fica dizendo pornografia,
a boca tapando, daí é fica mostrando o bico. Se existe uma
coisa horrível pra mulher é ficar entediada. Beber cachaça só pa-
rece com homem. Tem cartinhas demais para entrar em circulação.

Walter eu te digo isso porque confio em você não, a mulher deu-me
cartas sua eu, Walter a janela tá quicando, vem licença. (Sai e
volta logo) Dessa vez foi a carne. Queimou a feijão, o arroz e
agora a carne. Eu vou cozer um sanduíche, é mais prático (T). O
quê? O quê? O quê? Que eu quero? (corre pra outra janela) É o
quê? (T) Dico? Mas não quer dico? (T) Seu Salim tá fechado? Tá
mas eu vou pagar (sai e volta com uma xícara) Pronto, leve e dá
à sua mãe, a saúde dela deve ficar ótima. Não esqueça de des-
cvelver a xícara. (volta para a janela de Ieda) Ieda, o filho do
Chiquinho veio pedir dico. Dado e que mandei? Dico rápido... Que-
ro ver aquela grama se desmanchando no verde. Não fala coisa
mas não vir atrás de coisa. Ela deve ter esquecido de que fez
coisa. Ela é uma mãe bem aqui como amiga e se convidou para ir
tomar um copinho de champagne. Foi meio ciumento, mas na verdade
é que ela queria ser só se apresentar a umas amigas e disse logo
- "é ela a mulher que trala o marido com um vau". Riram de mim
e quando pudeam (ha, ha, ha, ha) (hi, hi, hi, hi, hi) (ho, ho, ho)
Fiquei morta ... não sabia como meter a cara. Fui licença, fui
no banheiro dela, chorei... me recuperei, mas como se não tivesse
se esquecido nada, comecei a falar sobre mim, carência... elas
se mostraram simpáticas, mas com um certo desdém. Então convidei
as novas amigas para vir a minha casa. Claro que aceitaram, mas
não deixei por menos, antes delas chegarem peguei uma garrafa de
água mineral molhei a esfú que era de plástico. E as novas ami-
gas estiveram assim que chegaram, enquanto eu servi vinho branco,
eu disse - "o passado é passado. Quero brindar as novas amigas.
Vamos todas de uma vez: tosta, tosta." e todas tomaram vinagre de
um gole só e eu disse: "salve daqui galinhas, antes que eu sangre

vacão e faga cabidela. Saíam porque aqui não é galinheiro pra vacão
E elas também engasgadas. - Vacô é uma galinha mansa. Vacô, ma-
rela é uma galinha gogô de coice, que só tem carne na língua. Va-
cô não é nem galinha é uma franga. E vacô Chiquinha é uma porca.
Vacô é o resto de comida. Dos maridantes tem outra sobressada. A
viúva, tem a gostosa da esquina. Mas da mesma casa que aqui não é
chiquinho pra vacô não e vacão também não galinheiro, mas não: choro
choro, chor... pensam que tanto medo de vacão. Saíam sem dar nenhum
pisu", e todas outras bobalheiradas, tucando, se chingando e se van-
tando mastigadas atrás pela água sanitária. Nunca que falei um re-
gêdo deito com vacô, baba. E que vacô precisar pode pedir: óleo,
café. É isso aí, se eu precisar eu te peço. Vacô sabe, lá vamos
o pagamento mesmo pode atrasar. Ninguém sabe, na próxima cam-
panha política pode mudar tudo, atrasar tudo. Antigamente quem vi-
via de promessa era o povo, hoje não os políticos e não vivemos
de esperança, tá de esperança... Mas melhores virão... vem um
novo momento material... momento todo de mudança e o diazete se
vai... e vivemos esperança e a gente vai levando... sofrendo...
sem esperança... Mas melhores virão... vem nova campanha políti-
ca, começa tudo novamente. O povo fala do governo. O governo fala
do povo ao povo. O povo fala do governo, com vacão. O povo fala
de mim. Eu falo do povo. Vacão tem raba de palha. Quem pode com
a língua do povo, com a língua do mundo, com a boca da rua? É fo-
go! Agora, eu não vou provar nada a ninguém. Tá certo que Fla-
viano era muito efeminado. Quando cantei com o pai dele, viúva, e
bichinho morava sozinho com o pai. Fazia todo o serviço de casa.
Flaviano era efeminado, delicado, mas não era como Pope. Pope é
bicha declarada, assumida, diferente de muito vando curvetado.

casado... (telefone toca) sem licença, hehe. (atendendo) Alô...

O quê? (T) Falar com Pepe? (T) É o primo dele? (T) Não, qualquer
noite que tem amizade com Nícha é sempre primo dela. Pense que
não sei de nada. O que é que você quer? (T) Olha aqui, não tá
que mais ninguém, eu vou bem sair de minha casa e ir dar feição
de noite pra Nícha. Dizer que você não pode vir hoje? Tinha era
que. Eu fiz uma coisa, é o marido dela que tá falando? Porque
existem ele casado. Desligou. Tomara que não ligue mais. (vai para
outra janela) Bom, mesmo, vem cá, vai lá na casa de Pepe e
diga que liguei para a casa de D. Anália e disseram que o marido
dele está na casa de outra Nícha. Tá, depois eu lhe dou um
chocolate. (volta para a janela do sofá) hehe, certo e que fize
isso para não saber que casaram com fogo. hehe, Flavinha eu vi
crescer e todo meu erro foi fazer de sentir um homem? Eu vi o
passarinho dele crescer no ninho; o passarinho gostou de mim, se
casou e desde os dois anos que ele era homem pra mim. Nícha
pra povo da rua, não não era isso, ele era delicado, gostava de
serviço caseiro. Ninguém descobriu de novo casado durante um
ano. Hoje, Flavinha está com 20 anos. Por dois anos que a vida
me maldita entrou aqui, eu tinha esperado de fechar a porta e
ela flagrou, espalhou pela rua. Você não sabe da história porque
eu fui um ano e pouco que você mora aqui. Pois foi, mulher...
eu vou pagar uma foto dele (paga a foto) Vê, ele não é lind-
do? Parecia uma moça de tão lindo. O pai, Renato, estava e Fi-
lme bonito e tinha medo, descobriu que o filho já era Nícha.
Tinha medo que ele frequentasse a casa de Pepe e arrumasse um
vigilante. Dizia também que eu o casava demais. Tudo que tá fa-

ser contata com o bom gosto dele em tudo: na cozinha, na decoração... O pai jamais iria desconfiar que aquela rapaziada afeminada era minha mãe. Ora, um rapaz que sabia fazer amor. No começo foi tímido, mas depois era como um leonismo entre nós. Flavinho sabia fazer amor e era super dotado, por certo herança do pai, porque o pai tinha só um negócio, tão pequeno, fino e torto. Flavinho era homem suficiente pra mim. Sonhei quando virá, briga comigo. Foi briga feia, quicquá-quicquá. Batia na minha cabeça como louco, quis me matar, matar o filho. Eu vi aquela boneca tão boa se matar nada. Eu chorava, não sei se era medo, remorso por tê-la traído com um filho que ela jamais iria desconfiar. Neste dia eu vi toda uma vida com os olhos destruídos. O povo na rua assistia de curioso. Flavinho já tinha fugido e eu fiquei só com Ricardinho e o Ricardinho sem entender nada, choro, raiva... Neste dia, vai beber, embora a cara e foi acidentado. Foi Cláudio foi o irmão que me ajudou. Passou isso, foi a um hospital. A vizinha maldita disse que era um aborto. Mentira. Não eu tive aborto. Só tive Ricardinho, foi parto difícil. Tive que ligar as trompas e você sabe que Ricardinho já vai fazer 30 anos pois bem, o pai com a bacia quebrada num hospital, eu com problemas de nervo. Sabe outro dia. Peguei Ricardinho na casa do pai Cláudio e voltei pra casa, saindo todo tipo de paladinha do povo e quando Sonato voltar pra casa, paraplégico, começa meu tormento, sentimento de culpa, choro. Sofri, sofri muito. Eu estava de férias e dei pra me envolver em casa, enquanto via as paladinhas do povo. Até Ricardinho sofreu com isso, claro uma criança de oito anos já entende as coisas. Sofri com Sonato por um ano até a morte dele há um ano atrás. Foi quando você chegou pra morar aqui. Ainda hoje me perseguem, fiquei enjoado. Até o padre daqui faz sermão como se falasse de mim, a mulher esbaltada e todos na igreja se voltam contra pra falar pra mim. Imagina, logo o padre, que eu sei que tem medo de paião. Eu sei tanta história do padre... mas gosto é gosto, não posso dizer. Cada um por si e Deus por todos. Sabe, o que me ajudou muito foi ter feito terapia, mas parei, não podia pagar, você sabe.

com licença da palavra, professora não pode ter esse luxo. Fazer terapia é um luxo. Comprar remédio é um luxo. Hoje estou deitando tudo um luxo, com esse salário de fuma, até comer é um "luxo", foi herança, pagar aluguel, prestação de casa é um luxo. A minha casa foi herança. Por isso não mais daqui. Comprei frigideira. Briga e quanto pouco. Para julga, culpa, a boca da rua tem a língua quilométrica. Se falamos ruído, o povo fala, esquece, mas se erra em casa é julgado a vida toda. Já faz dois anos que sou perseguida. Então tanto que lutar. Não sabe daquela ditadura "na terra do capo de cêcoras com eles". A vizinha maldiva morreu comigo eu sou com ela. É uma guerra fria, devagarinho, no momento. É um jogo bem feito. Estou tranfiro e vou destruindo os inimigos. Estou provando a tudinho o rudo de palha deles e vou botando fogo. Descobri as coisas e tornando público através de cartas anônimas pra vizinhança. Com a vizinha maldiva "fui assim:

- a 18 carta foi quando descobri que o passado dela não era limpo, ela era uma piranha numa cidade vizinha, era conhecida como Rita Gafiteira.

- a 24 foi quando descobri que a filha era capetão.

- a 38 foi quando descobri que a filha falsificava cheque e a entregara acidentalmente à polícia.

- a 48 foi quando descobri que o marido era amantado de uma dona de um bordel.

Então comecei a ver as famílias brigas e as gálérias se voltando pra eles. Claro qualquer carta era motivo de murmureio na rua." Iêsa, eu confio em você, te conto isso porque confio. Pois é, esse mundo é pequeno. Foi pago. Eu pensei que ninguém nunca iria descobrir. Descobriram e morreram comigo. Hoje a vizinha maldiva vive se acalando de dor, tem problema de nervo e quando ela tiver alta do hospital, vai ter outra recaída, vai receber mais 4 cartinhas das novas manchetes. Pra vizinhança, eu vou colar por debaixo da porta a cópia de cada carta. Iêsa, eu vou fazer um mandado, tá com fome. Recordando ainda não acordou, ah, hoje é domingo ele pode dormir até matar a vontade, enquanto eu fico presa nesta casa, neste passado-presente. Tirando todos os neurônios desérticos, dançando com o rudo da vacuura, dançando.

balé enquanto expone as músicas, cantando, porque quem canta um
salvo exposta. Falar enquanto eu vou láfa quando posso. A solidão
é um castigo... (telefone toca) Não, não aqui se for pra dar
retorno a Fape, vou pessoalmente a casa dele (T) É o quê? (T)
É treito... não pode ser... Ode aqui só tirar ferragem na pene-
la de ferro, ou desocupado (T) Como? Não pode ser... Não é
possível... É um treito... se tem que a voz parece... Não acredito
se for, só como tá nervosa... não se for você mesmo diga nome
completo, data de nascimento e filiação, aí eu acredito (T) Sim
sim...sim... Flavinio? Flavinio? Meu Deus que alegria. Você
chega quando? (T) Flavinio que surpresa.(T) Não, não vou
aqui. Aqui continua como antes. Tive um choque quando ouvi seu
nome, pensei que fosse um treito...(T) Não, não vou. Eu vou
aí. Você continua lindo? Flavinio este dia é especial pra mim?
Tá, eu vou... eu vou... eu vou. Tchau (desliga) Meu Deus láfa.
Lafa, mulher eu faço um favor... eu vou sair. Você sabe Ricardo-
mo pra mim? Quando ele acordar, ele toma café, comia você só
qualquer coisa, pagas na geladeira. Mulher eu vou começar vida
nova. Depois te conto tudo. Se eu não aparecer amanhã não se
preocupe. Diga a "Ricardinho que amanhã vai ser feliz novamente.
Diga que eu telefono.. Lafa eu vou ser feliz. Se perguntarem por
mim diga que eu fui ser feliz . (começa a trocar de roupa, enquan-
to canta, fala e ri) "Sou tua rosa marinha pintada pela tua a-
quarela, Sou tua rosa chitrosa". Calma mulher, fique calma. Con-
trola-se, você não é doída. Sou doída por ele sim. Passado é pa-
sado. Tem um novo presente. Diga eu vou ser feliz. Lafa, lafa...
por favor, tenha cuidado em "Ricardinho. Diga a ele que amanhã
sou. Temas amigos. Se perguntarem por mim, diga que fui ser feliz
(cai música de fundo. Black out)

P I M

Heliana Formiga-